



## A PREVALÊNCIA DE HIPERTENSÃO ARTERIAL NA POPULAÇÃO QUILOMBOLA BRASILEIRA: REVISÃO DE LITERATURA

<sup>1</sup>Taliane Santos Silva; <sup>2</sup>Fabio Lisboa Barreto; <sup>3</sup>Ieda Maria Fonseca Santos

<sup>1</sup>Graduanda em Enfermagem da FAMAM, talianesantos2418@mail.com, <sup>2</sup>Mestrando em Enfermagem (UEFS), Lisboa.auditor@gmail.com, <sup>3</sup>Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (FAMAM), FAMAM, iedamsf2019@gmail.com

As comunidades quilombolas são espaços historicamente de resistência e luta, ocupados por descendentes de africanos escravizados, mas que seguem em situação de vulnerabilidade social e carentes de ações de diversas naturezas, especialmente na área da saúde. De acordo com a literatura, a Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) está entre as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) que apresenta maior taxa de prevalência junto a população adulta mundial, especialmente na população negra. Caracterizada por níveis elevados e sustentados de pressão arterial, constitui-se como um problema de saúde pública relevante, principalmente em países em desenvolvimento, sendo uma das principais causas de morbimortalidade modificável associadas a doenças cardiovasculares no Brasil. Considerando o exposto, o trabalho teve como objetivo identificar a prevalência de hipertensão arterial e dos seus fatores associados junto a população das comunidades quilombolas brasileiros. Trata-se de um estudo de revisão de literatura através da busca de dados eletrônicos na biblioteca virtual em saúde (BVS), utilizando os descritores “Hipertensão Arterial Sistêmica”, “Saúde Pública”, “Epidemiologia” e “Grupo com Ancestrais do Continente Africano” tendo os seguintes critérios de inclusão: artigos completos em português, publicações dos últimos cinco anos (2013 – 2018), com público-alvo adultos, hipertensão como assunto principal e somente brasileiros. Os resultados dos artigos apontam alta taxa de prevalência (38%, 45% e 60%) de HAS junto à população quilombola, onde as mulheres aparecem com mais frequência que os homens no que tange ao número de portadores de HAS. Ademais, é possível inferir que a idade está associada positivamente a maior prevalência da HAS e, também, como maior nível de sedentarismo, obesidade, consumo de álcool, circunferência abdominal elevada e o desconhecimento sobre a doença. Por fim, fica evidenciada a necessidade de orientações que estejam no contexto e que atenda às necessidades individuais e coletivas, pois foi possível notar nos artigos o desconhecimento sobre a HAS, e que só saber sobre o diagnóstico e tratamento não é o suficiente para uma boa adesão da comunidade, devendo ser levado em consideração a cultura alimentar que são passadas de geração em geração, assim como estilo de vida, religião e localização sociodemográfica.

**Palavras-chave:** Hipertensão Arterial Sistêmica. Saúde Pública. Epidemiologia. Grupo com Ancestrais do Continente Africano.